

**AS TRANSFORMAÇÕES NAS ABORDAGENS DA SEMÂNTICA  
NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL –  
ANOS FINAIS**

*Silvânia Aparecida Alvarenga Nascimento (UFCAT)*  
[aparesilvania5@gmail.com](mailto:aparesilvania5@gmail.com)

**RESUMO**

Os conhecimentos primordiais da educação têm passado por transformações com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a partir de 1997 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017. Diante das orientações desses importantes documentos, os livros didáticos precisaram readequar seus conteúdos e atividades para atenderem às novas demandas educacionais. Assim, nosso trabalho tem como objetivo realizar um confronto entre a abordagem da semântica em dois livros didáticos de períodos distintos da Educação Básica. Nosso aporte teórico está centrado em Valente (1997), Ilari (2001), Caçado (2008), Abrahão (2018), entre outros. A metodologia empregada é qualitativa e a pesquisa é documental, uma vez que confrontaremos o ensino da semântica no livro didático intitulado “Reflexão e Ação”, de Prates (1984), destinado à 8ª série do Ensino Fundamental, e na obra denominada “Português: linguagens”, de Cereja e Vianna (2022), voltada para o 9º ano do Ensino Fundamental. Analisamos como cada obra aborda os conceitos de semântica, as atividades propostas e a forma como incentivam a reflexão e o entendimento dos alunos sobre a temática. Como resultado, constatamos que as mudanças nos documentos curriculares influenciaram a forma como os livros didáticos tratam a semântica. Houve uma transição importante de uma abordagem tradicional e mecanicista, com práticas repetitivas, para uma perspectiva mais contextualizada e reflexiva, promovendo uma compreensão mais significativa dos fenômenos semânticos.

**Palavras-chave:**

Semântica. Documentos oficiais. Livros didáticos.

**ABSTRACT**

The fundamental knowledge of education has undergone transformations with the implementation of the National Curricular Parameters (PCN) in 1997 and the National Common Curricular Base (BNCC) in 2017. In the face of the guidelines of these important documents, textbooks have needed to readjust their contents and activities to meet the new educational demands. Thus, our work aims to carry out a confrontation between the approach of semantics in two textbooks from different periods of Basic Education. Our theoretical contribution is centered on Valente (1997), Ilari (2001), Caçado (2008), Abrahão (2018), among others. The methodology employed is qualitative and the research is documentary, since we will confront the teaching of semantics in the textbook entitled “Reflexão e Ação”, by Prates (1984), intended for the 8th grade of Elementary School, and in the work called “Português: linguagens”, by Cereja and Vianna (2022), aimed at the 9<sup>th</sup> grade of Elementary School. We analyze how each work addresses the concepts of semantics, the proposed activities and the way in which they encourage students’ reflection and understanding of the subject. As a result, we found that changes in curricular documents have influenced the way textbooks

deal with semantics. There has been an important transition from a traditional and mechanistic approach, with repetitive practices, to a more contextualized and reflective perspective, promoting a more meaningful understanding of semantics.

**Keywords:**

**Semantics. Textbooks. Official documents.**

## **1. Introdução**

Os conhecimentos primordiais da educação têm passado por transformações com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a partir de 1997 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017. Esses documentos representam marcos importantes na organização e direcionamento do ensino no Brasil, estabelecendo diretrizes que visam promover uma educação de qualidade e equidade em todas as etapas da Educação Básica. Com a implementação dos PCN, houve uma primeira grande orientação no currículo, buscando padronizar e assegurar uma base comum para as escolas em todo o país. A BNCC, além de dar continuidade aos princípios dos PCN com ênfase no texto e gêneros textuais, promove uma abordagem mais detalhada, dividida em habilidades, competências gerais e específicas com vistas a desenvolver o aluno ao longo de sua trajetória escolar, aspectos cognitivos e socioemocionais na promoção de uma formação integral.

Diante das orientações desses importantes documentos, os livros didáticos precisaram readequar-se para atenderem às novas demandas educacionais. Isso inclui a incorporação de uma maior diversidade de gêneros textuais, a valorização da pluralidade cultural e linguística, e a incorporação de ferramentas tecnológicas. Essas diretrizes trouxeram transformações significativas no modo como os conteúdos curriculares são abordados, inclusive a semântica. Assim, nosso trabalho tem como objetivo realizar um confronto entre a abordagem da semântica em dois livros didáticos de períodos distintos da Educação Básica. Nosso aporte teórico está centrado em Valente (1997), Ilari (2001), Cançado (2008), Abrahão (2018), entre outros.

A metodologia empregada é qualitativa e a pesquisa é documental, uma vez que confrontaremos o ensino da semântica no livro didático intitulado “Reflexão e Ação”, de Prates (1984), destinado à 8ª série do Ensino Fundamental, e na obra denominada “Português: linguagens”, de Cereja e Vianna (2022), voltada para o 9º ano do Ensino Fundamental, com o propósito de evidenciar as diferenças e similaridades nas abordagens semânticas adotadas nesses dois livros didáticos de períodos distin-

tos, promovendo uma reflexão mais ampla sobre o ensino da semântica. Para tanto, analisamos como cada obra aborda os conceitos de semântica, as atividades propostas e a forma como incentivam a reflexão e o entendimento dos alunos sobre a temática.

Nossa pesquisa está organizada em cinco etapas. A primeira delas é a introdução, que acaba de ser apresentada, seguida pela fundamentação teórica, na qual abordaremos autores relevantes que discutem a semântica. A terceira etapa será dedicada à apresentação dos resultados, em que analisaremos as obras didáticas selecionadas. Posteriormente, traremos as considerações finais, refletindo sobre as contribuições deste estudo para o ensino da semântica. Por fim, a pesquisa será encerrada com as referências bibliográficas que embasam e sustentam o estudo.

## **2. Fundamentação teórica**

A semântica dedica-se ao estudo do significado das línguas, sendo um campo diversificado e abrangente, que varia conforme as diferentes abordagens adotadas pelos estudiosos. A complexidade na interpretação do significado, as múltiplas vertentes teóricas e as diversas metodologias utilizadas contribuem para essa diversidade. Em decorrência disso, podemos identificar vários ramos, como a semântica diacrônica, lexical, sentencial, proposicional, estrutural, gerativa, interpretativa, funcional, cognitiva, atencional, formal, transcendental, do discurso, da enunciação, argumentativa, prototípica, das catástrofes, entre outras (Cf. ABRAHÃO, 2018).

Tamba (2006) reforça esse posicionamento ao garantir que existem diversas definições sobre o que constitui a semântica, o que reflete a complexidade de abordagens do seu estudo. Um exemplo dessa variação conceitual pode ser observado na definição de Lyons (1978, p. 9), que descreve a semântica de forma ampla como “o estudo do sentido”. Em consonância com o autor, Guiraud (1955, p. 4) garante que “a semântica é o estudo do sentido das palavras”. Já Lerat (1983, p. 3) expande essa visão ao definir a semântica como “o estudo do sentido das palavras, das frases e dos enunciados”. Por sua vez, Ullmann (1972, p. 3) sustenta que “a semântica é o estudo do significado das palavras”.

Em contrapartida, Bechara (1997, p. 340) conceitua a semântica como “o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido que esses vocábulos sofrem”. Na perspectiva de Valente

(1997, p. 36), é “o estudo da significação das palavras”, dividindo-a em “semântica descritiva (sincrônica) e semântica histórica (diacrônica)”. Enquanto Cançado (2008, p. 15) afirma que a semântica “é o estudo do significado das línguas”, com foco na interpretação das expressões, destacando aquilo que permanece constante em uma construção linguística (Cf. CANÇADO, 2008).

Diante dessa diversidade de definições, Marques (1990) argumenta que não é possível definir a semântica e o seu objeto de estudo de forma consensual entre os teóricos. Para a autora, semântica é a ciência da significação das formas linguísticas ou ainda pode ser conceituada como o estudo do significado e do sentido das palavras e do contexto. Assim, a semântica trata essencialmente do sentido e do significado das estruturas linguísticas. Contudo, o ponto de maior divergência entre os estudiosos da área reside na definição de “significação”, já que, por ser um conceito amplo, ele carrega uma multiplicidade de interpretações, resultando em diferentes enfoques.

Nessa perspectiva, Ferrarezi Jr. (2008) apresenta uma distinção importante entre os conceitos de significado e sentido. O autor descreve significado como “um objeto ainda desconhecido em sua totalidade, mas concebido como tendo natureza neurológica, um objeto de nível da cognição pura. O significado é visto como aquilo que é cognitivamente ativado pela linguagem no nível neurológico”. Em contrapartida, o sentido é definido como “(...) as manifestações linguísticas do significado [que] podem ser definidos como: as pontes que fazem a ligação entre os sinais mais próprios da língua (sons na forma de palavras e de melodias entonacionais)” (FERRAREZI JR., 2008, p. 21-2). O sentido é formado por traços de significado produzidos pela cultura e tidos como importantes para a sociedade. Esses traços são utilizados por uma comunidade específica para representar, por meio de sinais, elementos ou eventos de um determinado mundo (Cf. FERRAREZI JR., 2008).

Essa complexidade na definição provoca diferentes concepções sobre o que é semântica e como definir seu objeto de investigação. Ao longo do tempo, os teóricos têm buscado definir e conceituar o que é significado. Marques (1990) apresenta três diferentes abordagens, a saber:

(a) o significado de uma forma linguística é a sua referência, a entidade, classe de entidades, o acontecimento, classe de acontecimentos, que a forma nomeia ou designa, isto é, a que se refere;

(b) o significado de uma forma linguística é a imagem mental, o conceito, a que essa forma serve de sinal externo intersubjetivo;

(c) o significado de uma forma linguística é o seu uso, ou seja, o seu emprego de acordo com estímulos que a condicionam e as respostas ou reações, verbais e não-verbais, adequadas às circunstâncias, finalidades e condições em que é utilizada. (MARQUES, 1990, p. 19)

Marques (1990) assevera que as abordagens semânticas desenvolvidas no âmbito do estruturalismo e do gerativismo “(...) têm procurado desenvolver o tratamento da linguagem como ciência, com base em métodos analíticos formalmente rigorosos, análogos aos empregados nas demais áreas do conhecimento consideradas científicas” (MARQUES, 1990, p. 25). A autora afirma que essa distinção referente ao objeto de estudo da semântica ainda se encontra em processo de análise devido à sua natureza multifacetada e da variedade de interpretações (Cf. MARQUES, 1990).

Esse cenário se relaciona a uma tradição de longa data, que remonta aos gregos, onde a língua já era analisada sob duas perspectivas conceituais distintas: a teoria dos naturalistas e a teoria dos convencionalistas. A visão naturalista entende que cada palavra nomeia uma entidade ou acontecimento da realidade, na qual o significado está diretamente ligado ao referente, ou seja, àquilo que a palavra designa. Já a perspectiva convencional concebe as palavras como reflexos da realidade, enfatizando que, em suas relações com os objetos, ideias ou coisas que representam, é possível distinguir duas partes: uma material, sensível e sonora, e outra conceitual e inteligível, que é convencionalizada a essa forma sonora (Cf. MARQUES, 1990).

A autora destaca que nesse segundo enfoque, as palavras ganham um valor simbólico por meio da articulação dos sons, e seu significado é o conceito mental que elas evocam. Portanto, as palavras não representam diretamente os conceitos, mas são abstrações que refletem e evocam mentalmente as coisas que designam. Dessa forma, seria esperado que cada palavra correspondesse exclusivamente a um único objeto ou indivíduo, entretanto, essa premissa não se sustenta, pois um mesmo vocábulo pode designar diferentes seres ou objetos, como as homônimas, que envolvem palavras idênticas na forma escrita e/ou sonora, mas com significados distintos. As sinônimas, que consistem em palavras com significados semelhantes ou próximos; e as antônimas, palavras com significados opostos. Essas variações mostram a complexidade da linguagem e o desafio de estabelecer uma correspondência direta entre palavras e seus referentes (Cf. MARQUES, 1990).

Além disso, o contexto também desempenha um importante papel na semântica, pois “(...) uma palavra tem tantos sentidos quantas sejam

as suas diversas realizações contextuais” (MARQUES, 1990, p. 61). Nesse sentido, o significado de uma palavra não é fixo, mas moldado por fatores como lógica, emoção, combinações linguísticas, evocações e associações que acrescentam interpretações ao seu sentido básico. Assim, as palavras podem ser caracterizadas como denotativas, quando prevalece seu significado descritivo; ou conotativas, quando o contexto lhes atribui novos significados, gerando diferentes camadas interpretativas. Certamente, as palavras ou expressões com significado conotativo se configuram a partir do contexto e da situação comunicativa em que são utilizadas pelos falantes (Cf. MARQUES, 1990).

Ilari (2001, p. 41) acrescenta à definição de conotação, afirmando que é “o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados (...)”. Desse modo, o sentido conotativo é figurado e o denotativo é expresso pelo seu sentido literal (Cf. ILARI, 2001).

Essa complexidade semântica também é percebida por Oliveira (2012), ao afirmar que o objeto de estudo da semântica vai além do significado das sentenças, uma vez que o foco está na capacidade interpretativa do falante, que envolve não apenas o conhecimento dos significados das partes que compõem uma sentença, mas também a habilidade de combiná-las de maneira recursiva, permitindo a dedução de novos significados. Dessa forma, a dinâmica do significado está intrinsecamente ligada à competência comunicativa do falante e ao contexto em que as expressões são utilizadas.

O falante da língua vai construindo ao longo do tempo novos significados, e a semântica dedica-se ao estudo dessas mudanças que as palavras podem ter dentro de diferentes contextos, provocando certos significados. A semântica é considerada uma ciência, a parte da linguística que estuda os significados das palavras, das construções linguísticas, dos símbolos e imagens. Diante disso, o ensino da semântica desempenha um papel vital no desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes. Ao explorar os diversos aspectos da significação, os alunos ampliam a compreensão e interpretação de textos, além de se comunicarem de maneira mais eficaz e precisa.

### 3. *Resultados e discussão*

A BNCC estabelece as aprendizagens essenciais para a Educação Básica no Brasil, definindo competências e habilidades para garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação minimamente igualitária, independente da região ou tipo de escola que frequentam. Nesse sentido, o documento procura promover a formação dos alunos para enfrentar desafios profissionais e pessoais.

No que diz respeito à semântica nos anos finais do Ensino Fundamental, a Base destaca algumas habilidades específicas, como a (EF06LP12) a capacidade de utilizar, ao produzir textos, recursos de coesão referencial (como nomes e pronomes), além de recursos semânticos que envolvem a sinonímia, antonímia e homonímia, bem como mecanismos de representação de diferentes vozes, incluindo o discurso direto e indireto. Outras habilidades importantes são as (EF07LP13) e (EF08LP14) que determinam que o aluno deve interpretar verbetes de enciclopédia, identificando a estrutura e as informações semânticas. Há também a habilidade (EF09LP13) na qual é preciso que o estudante justifique, pelo contexto semântico e linguístico, o significado de palavras e expressões desconhecidas (Cf. BRASIL, 2017).

Antes da BNCC, os PCN já desempenhavam um papel orientador nos currículos educacionais, no entanto, os Parâmetros não abordavam o ensino de semântica de maneira tão específica quanto a BNCC. Anteriormente a esses documentos, a educação não tinha diretrizes padronizadas para um ensino mais igualitário para todos. Assim, a proposta deste estudo é analisar as transformações que ocorreram nos livros didáticos antes e depois da introdução dos PCN e da BNCC. Para tanto, selecionamos dois livros didáticos de períodos diferentes, destinados aos anos finais do Ensino Fundamental.

Essa análise permitirá compreender como as orientações curriculares influenciaram a abordagem semântica nas obras didáticas, evidenciando as mudanças no ensino. Dessa forma, o estudo também busca identificar se a aprendizagem da semântica tornou-se mais acessível e dinâmica após as atualizações curriculares, e como essas mudanças impactam diretamente a formação dos alunos, contribuindo para seu letramento e sua capacidade de interpretar e produzir textos de forma mais crítica e eficaz. Ressaltamos que devido à vasta quantidade de atividades relacionadas à semântica presentes em ambos os livros, optamos por selecionar, para nossas análises, apenas algumas atividades, buscando abordar uma diversidade de fenômenos semânticos trabalhados nessas obras.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Assim, apresentamos as capas dos dois livros didáticos do nosso estudo, conforme ilustrado na Figura 1:

Figura 1: Capa dos livros didáticos “Reflexão & Ação” e “Português: linguagens”.



Fonte: Prates (1984).



Fonte: Cereja e Vianna (2022).

As obras analisadas, voltadas para o atual 9º ano do Ensino Fundamental, trazem abordagens distintas para a aprendizagem da semântica, refletindo as diferentes concepções pedagógicas de suas épocas.

O livro “Reflexão & Ação”, de 1984, apresenta uma abordagem tradicional e detalhada, com um foco especial em atividades voltadas para a sinonímia, fornecendo aos alunos um arcabouço teórico consistente antes de aplicar os conceitos. Esse método mais tradicional valoriza a prática de exercícios voltados para a fixação dos conteúdos e uma compreensão mais formal dos fenômenos semânticos.

Por outro lado, na obra “Português: Linguagens”, de 2022, os autores adotam uma perspectiva mais moderna e contextualizada, alinhada com as diretrizes estabelecidas pela BNCC. Nessa obra, a semântica é explorada a partir de textos e gêneros discursivos variados, permitindo que os alunos aprendam dentro de contextos mais práticos e próximos de suas vivências cotidianas. Isso torna o processo de aprendizagem mais dinâmico e envolvente, favorecendo o desenvolvimento de competências relacionadas à leitura crítica. Diante disso, iniciamos nossas análises com a primeira atividade do livro “Reflexão & ação” na qual é proposto o preenchimento das lacunas com homonímias homógrafas.

Prates (1984) apresenta a conceituação de homonímias homógrafas, que são palavras que possuem a mesma escrita, mas com significados distintos. Após a definição, a autora apresenta um exemplo que ilustra o conceito de forma objetiva e acessível, conforme exposto na Figura 2:

Figura 2: Homonímias homógrafas.

3) Preencha as lacunas com por ou pôr:

a) Os candidatos foram eleitos \_\_\_\_\_ eles.  
 b) O vira-lata queria \_\_\_\_\_ as cartas na mesa.  
 c) Os cães de raça chamaram o vira-lata para \_\_\_\_\_ os votos na urna.  
 d) O vira-lata é interrompido \_\_\_\_\_ cães da plateia.  
 e) É preciso \_\_\_\_\_ ordem na casa!

**PARA COMPREENDER E FIXAR**

• PALAVRAS HOMÓGRAFAS — são palavras que têm a mesma grafia, mas significado diferente.

Veja: { Ele não pôde ir ao comício.  
 { Ele não pode ir ao comício.

1) Preencha as lacunas com pêlo ou pelo:

a) O \_\_\_\_\_ do animal é usado \_\_\_\_\_ homem para fazer agasalhos.  
 b) Conclui-se \_\_\_\_\_ que o vira-lata disse, que é o \_\_\_\_\_ do povo que agüenta as consequências.  
 c) O \_\_\_\_\_ daquele cachorro "pedigree" foi avaliado como o melhor da raça juíz da competição.

Fonte: Prates (1984, p. 39).

Essa atividade é importante porque permite que os alunos observem a diversidade semântica da língua e como diferentes palavras podem gerar múltiplos sentidos, sendo essencial para o desenvolvimento da habilidade de ler com precisão. Além das homonímias homógrafas, o qual são o foco da atividade, também podemos mencionar as homonímias homófonas. Estas referem-se a palavras que, ao serem pronunciadas, possuem o mesmo som, mas apresentam grafia e significados diferentes. Outro tipo de homonímia são as perfeitas, que consistem em palavras com grafia e som iguais, mas com significados distintos.

O conhecimento sobre homonímias é crucial para que os alunos reconheçam que a semelhança na grafia e/ou na pronúncia entre palavras não implica que tenham o mesmo significado. Essa habilidade evita equívocos na comunicação, pois, muitas vezes, palavras que parecem idênticas podem levar a interpretações indesejáveis. Além disso, conhecer as homonímias permite ao aluno diferenciá-las de outro fenômeno semântico importante: a polissemia. Embora ambos os fenômenos envolvam palavras com múltiplos significados, na polissemia, os significados são relacionados entre si, enquanto na homonímia, eles são completamente independentes.

O domínio sobre homonímias também ajuda o aluno a reconhecer a ambiguidade que essas palavras podem provocar. Por exemplo, em uma construção linguística na qual uma palavra homônima é utilizada, sem o contexto apropriado, pode haver mais de uma interpretação, comprometendo assim a objetividade e eficácia da mensagem. A habilidade de identificar e interpretar a ambiguidade é extremamente importante quando se estuda gêneros discursivos como piadas, publicidade, quadri-

nhos, charges, entre outros, uma vez que o uso de homônimas e da polissemia é intencional para gerar duplo sentido. Entretanto, a ambiguidade em outros gêneros, como artigo científico, manual de instruções, receitas, bulas, dentre outros, é inadequada, pois esses gêneros exigem uma produção textual precisa.

A atividade proposta busca reforçar o aprendizado dos alunos tanto de maneira conceitual quanto prática, utilizando um exercício repetitivo que visa consolidar o conhecimento adquirido sobre as homônimas homógrafas. Esse tipo de atividade mecanizada era uma metodologia comum no passado, frequentemente utilizada para promover a memorização. Embora essa abordagem ainda seja encontrada com facilidade em livros didáticos contemporâneos, muitos estudiosos argumentam que métodos repetitivos não são os mais eficazes para uma aprendizagem significativa.

Na próxima atividade, o livro didático explora tanto as palavras homônimas quanto as parônimas. Inicialmente, a autora apresenta definições claras para esses dois fenômenos semânticos, evidenciando suas características. Em seguida, são apresentados exemplos e, depois, uma lista abrangente é proposta, na qual os alunos devem preencher os espaços em branco, o que os ajudará a distinguir esses conceitos de forma prática, conforme ilustrado na Figura 3.

Figura 3: Palavras homônimas e parônimas.

O conteúdo da imagem é o seguinte:

**ESTUDO DA ORTOGRAFIA**

Palavras homônimas e parônimas

Saiba que:

1) **Homônimas** – são palavras iguais na pronúncia ou na escrita, mas traduzem significados diferentes.  
Exemplos: coser – costurar;  
cozer – cozinhar.

2) **Parônimas** – são palavras parecidas, mas com sentido diferente.  
Exemplos: arrear – colocar os arreios;  
arrear – baixar, descer.

Procure o significado das palavras, procurando fixar sua grafia e sinônimo:

acender –	concertar –
ascender –	concertar –
acento –	descrição –
assento –	discrissão –
caçar –	discriminar –
castrar –	discriminar –
censo –	despensa –

Fonte: Prates (1984, p. 176).

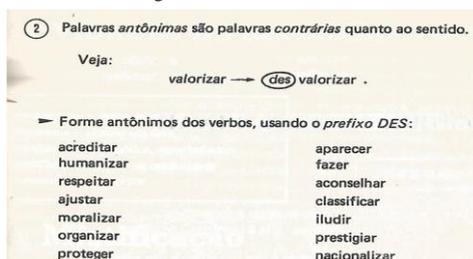
O livro didático procurou apresentar para o aluno a distinção entre esses dois fenômenos semânticos, mostrando que as palavras homônimas podem ter escrita e som idênticos, grafia distinta e som igual, ou escrita equivalente e som diferente, mas, em todos os casos, seus significados são sempre distintos. As palavras parônimas, por sua vez, são apenas pa-

recidas na pronúncia e na escrita, entretanto seus significados são divergentes. Essa diferenciação é crucial, uma vez que os alunos podem facilmente se confundir ao se deparar com esses vocábulos.

A atividade proposta sugere que a busca por significados e sinônimos no dicionário, com o intuito de auxiliar os alunos na memorização dessas palavras, permite que consigam diferenciá-las mais rapidamente ao se depararem com elas. Entretanto, essa abordagem atualmente é, muitas vezes, combatida por não ser capaz de garantir uma compreensão mais aprofundada sobre o que está sendo ensinado. A mera busca por definições pode resultar em uma memorização superficial, sem que os alunos realmente entendam a aplicação prática desses conceitos em contextos variados.

Na sequência de nossas análises, na Figura 4, observamos que o livro também aborda o conceito de antonímias.

Figura 4: Antonímias.



Fonte: Prates (1984, p. 57).

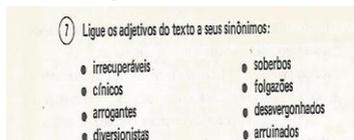
A autora, mais uma vez, busca definir aspectos semânticos antes de apresentar as atividades de fixação. Nesta proposta, a obra foca em verbos que expressam a ideia de contrariedade, utilizando o prefixo “des”. Os antônimos, como sabemos, são palavras que indicam oposição, mas a abordagem empregada aqui precisa de profundidade. Ao apresentar uma extensa lista de palavras para que o aluno adicione mecanicamente o prefixo “des”, a autora ignora a necessidade de promover uma reflexão crítica sobre essa prática. Não há contextualização que permita ao aluno discernir quando e por que o prefixo deve ser utilizado, tampouco se outras estratégias poderiam ser empregadas para a formação de antônimos.

Essa falta de reflexão crítica pode resultar em uma compreensão superficial do conceito, levando os alunos a aplicar o prefixo indiscrimi-

nadamente, sem considerar as nuances semânticas de cada vocábulo. A memorização mecânica, sem um entendimento do significado e do uso das palavras em contextos variados, pode limitar a capacidade dos alunos de reconhecer os antônimos.

Dando continuidade à nossa investigação, na Figura 5, encontramos uma atividade que aborda os sinônimos.

Figura 5: Sinônimos.

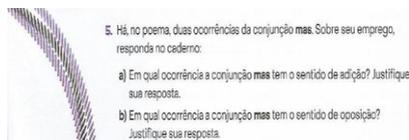


Fonte: Prates (1984, p. 68).

Na atividade proposta, a autora solicita que os alunos conectem os adjetivos a seus respectivos sinônimos. Embora o conceito de sinonímia não seja explicitamente apresentado nesta atividade, ele já foi abordado em exercícios anteriores. Ressaltamos que, por ser um fenômeno fundamental na semântica, é importante relembrar que sinônimos são palavras que compartilham significados semelhantes, o que permite, em alguns casos, a substituição de uma palavra por outra sem alteração significativa no sentido da construção linguística. A inclusão de diversas atividades focadas na semântica permite aos alunos explorar uma variedade de fenômenos linguísticos, proporcionando a oportunidade de observar, por exemplo, o modo como os sinônimos funcionam e podem ser aplicados. Essa prática enriquece o vocabulário dos estudantes e amplia suas habilidades de expressão e domínio da língua materna.

Ao analisarmos o livro didático de 1984, percebemos que a autora adota uma abordagem que privilegia a conceituação dos fenômenos semânticos, seguida da apresentação de exemplos e, posteriormente, atividades práticas para a fixação do conteúdo. Esse método mais tradicional, baseado em conceitos e exercícios, busca garantir que os alunos internalizem as definições antes de aplicá-las. Finalizada a investigação da obra didática de Prates (1984), iniciamos as análises de Cereja e Vianna (2022), como ilustrado na Figura 6.

Figura 6: O sentido da conjunção “mas”.



Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 50).

Na atividade, os autores não deixam claro qual aspecto semântico será trabalhado, nem oferecem uma definição ou exemplos que possam guiar os alunos. No exercício, os autores pedem que os alunos observem a conjunção “mas” utilizada no poema e indiquem se ela está expressando uma ideia de adição, sugerindo ampliação/complementação, ou de oposição, transmitindo contrariedade. Essa diferenciação entre os usos da conjunção “mas” requer uma compreensão avançada da polissemia.

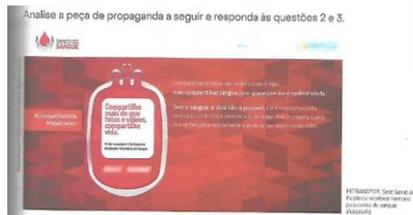
Na questão da letra “a”, a conjunção “mas” sugere que a informação que se segue é um acréscimo à ideia já apresentada. No sentido de oposição expressa na questão da letra “c”, a conjunção, “mas” assume um sentido de contradição entre as ideias. Nesse caso, a conjunção indica que a ideia seguinte contrasta com a anterior, criando um efeito de oposição que pode intensificar a mensagem do poema. Esse tipo de análise revela a flexibilidade semântica da conjunção, “mas”, que pode servir tanto para adicionar informações quanto para opor ideias, dependendo do contexto em que é utilizada.

Ao trabalhar com gêneros textuais como o poema, os autores conseguem engajar os alunos de maneira mais eficaz, tornando o aprendizado relevante e atraente. Essa mudança de abordagem destaca a transformação nas metodologias de ensino, evidenciando a importância de uma aprendizagem mais centrada no aluno, que favoreça a construção do conhecimento de maneira crítica e reflexiva.

Avançando nas análises, na Figura 7, os autores empregam uma propaganda como recurso para explorar a semântica. Essa estratégia é interessante, pois utiliza um formato cotidiano que os alunos podem reconhecer e se relacionar. A propaganda não apenas ilustra o uso da linguagem em um contexto real, mas também permite que os estudantes analisem como os elementos semânticos influenciam a persuasão e a construção de significados em diferentes contextos comunicativos. No entanto, a eficácia desse recurso depende da orientação dada aos alunos sobre como interpretar os elementos semânticos presentes na propaganda. É crucial que a abordagem pedagógica ofereça suporte e direcionamento adequa-

dos para que os estudantes consigam explorar e compreender plenamente as relações semânticas propostas.

Figura 7: O sentido de “compartilhar”.



Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 125).

Na atividade, a forma verbal “compartilhar” assume sentidos distintos em suas diferentes ocorrências, ilustrando a riqueza semântica do termo. No primeiro uso, “compartilhar” fotos e vídeos é geralmente entendido como uma prática positiva e comum no contexto digital, promovendo a interação social e a troca de experiências. Esse significado reflete a cultura contemporânea de compartilhamento nas redes sociais, na qual o ato de dividir conteúdos visuais é associado à diversão e à construção de conexões. Por outro lado, a expressão “compartilhar” também pode evocar um sentido mais profundo e significativo, relacionado ao ato de partilhar, doar ou repartir. Neste contexto, o verbo ganha uma nova dimensão, a de doação de sangue, logo, “compartilhar” se transforma em um ato de generosidade e altruísmo, pois a pessoa está repartindo algo vital que pode salvar vidas.

Essas duas ocorrências do verbo “compartilhar” criam um contraste semântico que ilustra a dualidade do termo. Por um lado, temos o compartilhamento leve e descontraído típico do ambiente digital; por outro, uma ação concreta de amor que requer um compromisso genuíno com a comunidade. Ao subverter o uso comum do termo no mundo digital, essa atividade destaca a importância de refletir sobre o significado e o impacto que os fenômenos semânticos têm na produção de sentido.

Ao longo da análise dos dois livros didáticos, observamos transformações significativas nas abordagens pedagógicas voltadas para a semântica. O primeiro livro, *Reflexão & Ação*, embora apresente conceitos relevantes, utiliza métodos que podem ser considerados limitados para a aprendizagem efetiva. Já a obra *Português: Linguagens* adota uma abordagem integrada às diretrizes da BNCC, promovendo um aprendizado mais crítico. Essa transformação é fundamental para o desenvolvimento

das competências linguísticas dos alunos, preparando-os para a comunicação cada vez mais complexa e interconectada. Como resultado, constatamos que as mudanças nos documentos curriculares influenciaram a forma como os livros didáticos tratam a semântica. Houve uma transição importante de uma abordagem mecanicista, com práticas repetitivas, para uma perspectiva mais contextualizada e reflexiva, promovendo uma compreensão mais significativa dos fenômenos semânticos.

#### 4. *Considerações finais*

Ao comparar as duas obras, nota-se uma clara evolução no ensino da semântica, que passou de uma prática voltada para conceitos isolados a uma abordagem que valoriza sua aplicação prática em contextos reais de comunicação. Essa transição reflete uma mudança significativa no objetivo educacional, que busca preparar os alunos para enfrentar os desafios linguísticos do mundo contemporâneo, especialmente no que se refere ao ambiente digital e às interações cotidianas. A análise demonstra que, em uma das obras, os aspectos semânticos foram trabalhados de maneira descontextualizada, ou seja, apresentando conceitos de forma fragmentada, sem conectar o conteúdo ao uso real da língua. Em contraste, a outra obra enfatizou a importância da língua como ferramenta de interação social e comunicação efetiva em diferentes contextos.

Essa mudança na abordagem pedagógica é de grande relevância, pois promove uma compreensão mais profunda e significativa dos fenômenos semânticos, além de estimular o desenvolvimento de habilidades analíticas e críticas nos alunos. O enfoque sociointeracionista, ao conectar a semântica às práticas sociais, permite que os alunos não apenas compreendam os conceitos linguísticos, mas também saibam utilizá-los em situações práticas, ampliando sua capacidade de interpretar e produzir sentidos em diversos gêneros discursivos. Assim, a evolução no tratamento da semântica nas obras didáticas reflete um avanço pedagógico que contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os para uma atuação mais consciente e eficiente nas interações linguísticas do mundo moderno.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Virginia Beatriz Baesse. *Semântica, enunciação e ensino*. Vitória-BA: EDUFES, 2018.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília: MEC/SEB/Consed/Undime, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica*: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2007.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. *Português: linguagens*: 9º ano. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2022.

FERRAREZI JUNIOR., Celso. *Semântica para a educação básica*. São Paulo: Parábola, 2008.

GUIRAUD, Pierre. *Semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1955.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica*: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

LERAT, Pierre. *A semântica*: sua teoria e suas aplicações. São Paulo: Ática, 1983.

LYONS, John. *Semântica*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística*: domínios e fronteiras. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-54

PRATES, Marilda. *Reflexão e ação*: língua portuguesa: 8ª série. São Paulo: Brasil, 1984.

TAMBA, Irène. *Semântica*. Trad. de Marco Marciolino. São Paulo: Parábola, 2006.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*: uma introdução à ciência do significado. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

**XXVII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1997.